

# O Ecoturismo e a Conservação do Lobo Ibérico

AUTORA

Clara Espírito-Santo

Bióloga

© 2006

O ecoturismo, enquanto forma de conciliar a animação ambiental com a conservação da natureza na qual decorre a animação, funciona como um excelente instrumento de valorização do património natural e cultural de um local, região ou país, sem que sejam postas em causa a integridade dos ecossistemas e a qualidade das experiências de recreio vividas por quem deles usufrui. Quando os ecossistemas em causa se revestem de uma grande fragilidade, pela sua raridade, elevada biodiversidade e estatuto de conservação das espécies que os compõem, o ecoturismo (ou turismo de natureza com um mínimo de impactes negativos) deve ser aí implementado de forma muito cuidada e apenas quando a sua implementação é plenamente justificada. Apesar das medidas tomadas no sentido de minimizar os impactes negativos decorrentes do turismo de natureza em espaços naturais de elevada fragilidade, a acção humana exerce sempre um impacte considerável que pode inverter toda a filosofia por detrás do projecto turístico em causa. Assim, e depois de ponderar os impactes negativos e positivos resultantes de qualquer actividade de animação ambiental, inserida na óptica do turismo de natureza, deve avançar-se com um projecto turístico quando se verifica que os impactes positivos superam os negativos, quer na satisfação das necessidades das gerações actuais e futuras, quer na manutenção da integridade dos ecossistemas onde se desenrolam as actividades turísticas. Tendo em linha de conta estes pressupostos, é importante o desenvolvimento de projectos de animação turística com o objectivo de conciliar a conservação do lobo ibérico, com a procura crescente por um turismo ao ar livre em espaços naturais, e com as necessidades das comunidades rurais em regiões menos desenvolvidas onde ainda sobrevive o lobo.



Figura 1. Branda Poulo da Seida -  
Serra do Soajo  
(Foto: Clara Espírito-Santo)

A conservação do lobo ibérico em Portugal é um processo complexo e toma contornos sinuosos quando se procuram resolver os conflitos existentes entre a espécie e os diversos grupos de

interesse da sociedade, nomeadamente criadores de gado, caçadores, populações rurais e entidades governamentais responsáveis pela conservação desta espécie ameaçada. O desenvolvimento turístico centrado no lobo é uma forma inovadora de valorizar uma espécie tida, por muitos, como fonte de prejuízos económicos. Contudo, o turismo de natureza em Portugal ainda se encontra numa fase inicial de desenvolvimento. As actividades de animação ambiental desenroladas em espaços naturais e com o objectivo de proporcionar ao turista a observação da vida selvagem e dos seus habitats, são ainda casos pontuais de sucesso que surgem da iniciativa privada. O caso do turismo em volta do lobo está numa fase quase embrionária no nosso país, embora biólogos, conservacionistas, entre outros, considerem que se trata cada vez mais de uma prioridade numa nova estratégia de conservação da espécie.



Figura 2. Toponímia - Freguesia do Fojo Lobal (Pte. de Lima)  
(Foto: Clara Espírito-Santo)

O turismo centrado no lobo e nos seus habitats, assim como no património cultural a ele associado, quer sob a forma de mitos (ex. a Pieira dos Lobos), tradições, artefactos, simbologia, toponímia (ex. a aldeia de Fojo Lobal), construções arquitectónicas (ex. brandas de gado para guarida de pastores e rebanhos dos ataques do lobo, fojos para a caça ao lobo), etc., atrai cada vez mais interessados. O Norte da Península Ibérica é rico em demonstrações deste tipo e ainda concentra as mais elevadas densidades de lobos da Europa Ocidental.

No entanto, são raras as iniciativas de projectos de animação turística organizados no sentido de divulgar este património. Projectos turísticos bem elaborados em torno do património natural e cultural associado ao lobo ibérico têm a potencialidade de: a) promover a conservação da espécie e dos seus ecossistemas; b) divulgar as manifestações culturais relacionadas com o lobo; c) alertar para a necessidade urgente de recuperação desse património cultural, em alguns casos quase desaparecido; d) promover o desenvolvimento sustentável nos meios rurais onde ainda vive o lobo; e) recuperar e valorizar os produtos locais numa óptica de geração de receitas para as comunidades locais; f) proporcionar a um público cada vez mais interessado pela conservação do lobo a oportunidade de conhecer melhor a espécie e os seus habitats de forma organizada e consciente, com um mínimo de impactes negativos; g) promover a valorização do lobo junto das comunidades rurais que apenas vêm nesta espécie uma fonte de prejuízos económicos; h) inverter mentalidades face a um mítico predador, que passou de perseguidor a perseguido.

### A PIEIRA DOS LOBOS



Figura 3. Ilustração da Lenda "A Pieira dos Lobos"  
(imagem enviada pela autora do artigo)

Quantos de nós já tivemos a felicidade de observar um lobo em liberdade ou ouvir os lobos uivarem à noite? A procura por este tipo de experiências é cada vez maior, assim como é o desenvolvimento do ecoturismo em todo o mundo. As populações de meios urbanos em países mais desenvolvidos procuram cada vez mais uma aproximação ao meio rural e ao que de mais selvagem a natureza tem para oferecer. A fuga ao stress do dia-a-dia reflecte-se na busca do regresso às origens. Contudo, a experiência de ver um lobo em liberdade não tem, de modo algum, o mesmo sentido para um pastor que guarda o seu rebanho e para um turista cidadão que põe os pés na serra de forma ocasional. O que para um é um perigo à segurança do gado e uma potencial fonte de

prejuízos económicos, para outro representa uma oportunidade única de observar uma espécie ameaçada de extinção, já desaparecida da maior parte dos países da Europa Ocidental. E porque não transferirmos a vontade dos turistas de "pagar para ver", para as mãos das comunidades locais que realmente não vêem benefícios em ter lobos na serra? As actividades de ecoturismo centradas no lobo e desenvolvidas de forma consciente, podem funcionar como veículo de transferência de fundos dos primeiros para os segundos. Está aqui implícito um princípio muito básico e muito importante no desenvolvimento do ecoturismo: a criação de benefícios para as comunidades locais. Promove-se assim o desenvolvimento socio-económico nas comunidades rurais onde ainda existe o lobo ibérico. Saberemos que tivemos sucesso quando daqui a umas largas décadas pudermos constatar que as serras passarão a ter turistas que procuram o lobo, mas continuarão a ter também lobos, pastores e rebanhos, tradições e mitos, festas e romarias. É a coexistência de uns e de outros que devemos assegurar.

*Texto extraído de:*

[http://loboarga.naturlink.pt/Artigo\\_Clara.htm](http://loboarga.naturlink.pt/Artigo_Clara.htm)